

À FILHA DO LUAR CEARENSE, VENERÁVEL MADRINHA IMORTAL DO CORPO DE FUZILEIROS NAVAIS

“Se eu tivesse um filho fazia dele fuzileiro naval nem que obrigasse. Mas qual, não precisa obrigar: filho meu adoraria ser fuzileiro.”

“Não foi à toa a minha velha amizade pelo outrora glorioso Batalhão Naval. O que hoje vi neste QG veio confirmar tudo de bonito e empolgante que antes imaginava”

(Rachel de Queiroz)

UBIRATAN B. R. DOS SANTOS
Capitão-de-Mar-e-Guerra (FN-RM1)

Este texto é uma homenagem à acadêmica Rachel de Queiroz, de abençoada memória, cuja ausência até hoje nos causa profunda dor e saudade, mesmo na certeza de estar repousando na paz celestial.

Como fomos por ela reconhecidos e admirados, pela forma com que tão elegantemente caracterizou nossa tradicional instituição! Louvava, sem cessar, no mais alto patamar, as qualidades dos valorosos fuzileiros navais, destacando seus feitos, tradições e glórias.

Certa vez, chegou a se referir aos fuzileiros como “detentores de uma pretensa tradição galante, reconhecida por sucessivas gerações de corações feridos – brancas, morenas e cabrochas – que teriam padecido de anos de penas de amor, por culpa dos tiranos de casaco vermelho”. Teria sido isso uma verdade ou mais uma de suas freqüentes cortesias para conosco?

Essa fascinação por nós parece ter suas origens no Rio de Janeiro, em 1917, quando contava com 6 anos de idade, ao assistir ao desfile do Dia da Independência, ou pelo fato de ter residido por quase 15 anos na Ilha do Governador, oportunidade em que teria feito amizade com os fuzileiros navais. Naquela cerimônia cívico-militar, encantou-se com o Presidente da República, Venceslau Brás Pereira Gomes, e com as bandas de música e marcial, cujos integrantes vestiam a farda vermelha e o gorro de fita preta de origem escocesa.

Rarrel, Rachel em hebraico, significa ovelha, simbolicamente entendida como aquela que está disposta ao sacrifício, aceitando, com resignação, as coisas como elas se apresentam; além disso, disciplinada e obediente, realçando, por conseguinte, o desejo da tranquilidade e da paz.

Por outro lado, a acadêmica era reconhecida pelos seus atributos de coerência, espontaneidade, coragem, crítica, carisma, sinceridade, informalidade e modéstia. De personalidade ímpar, vasta cultura, amplo tirocínio e imbatível lucidez, escrevia com incomparável mestria e comovente paixão.

Por sua veemência na forma intensa de viver e pensar, podemos afirmar ter sido ela uma das mais agudas e invejáveis inteligências do País, visto que discutia sobre qualquer assunto; uma autêntica Minerva¹ nacional, a nossa Mecenas², que cultivava, de modo impecável e singular, o idioma pátrio.

Exercia suas atividades com eloqüência, paixão e fé só igualáveis às dos que, por mérito, se alimentam da consciência e da certeza do dever cumprido.

Dotada de incomparáveis e excepcionais encanto e beleza, era, do mesmo modo, admirada pelo trato cortês com as pessoas, de ternas palavras, simples no proceder e na fidalguia de suas atitudes.

O talento que Deus lhe concedeu até hoje deleita os que conhecem sua escrita, da mesma maneira que as ninfas marinhas tinham o poder de enfeitiçar com seus cantos todos que as ouviam.

Aos 19 anos de idade publicou seu primeiro livro, motivada pela forte seca que assolou seu estado natal, o Ceará, em 1915. A obra despertou, de imediato, o interesse da crítica.

Daf em diante sua popularidade não mais parou de crescer, tornando-se, cada vez

mais, respeitada, admirada e amplamente conhecida como uma das mais representativas figuras da intelectualidade brasileira.

Dedicou-se, em particular, às narrativas do ambiente nordestino, associado aos fatos que presenciou e personagens por ela criados. O agreste do sertão do Ceará está quase sempre presente e exaltado em seus trabalhos. Construiu suas histórias mantendo-se fiel à vocação literária, em que pese a preferência pelo exercício do jornalismo.

Foi a primeira escritora a ingressar na tão aclamada Academia Brasileira de Letras, berço do saber e de inúmeras tradições.

Diante de tanto, impomo-nos, por justiça e gratidão, o dever de reconhecê-la como sendo não apenas a madrinha de todos que escrevem neste país, mas também dos combatentes anfíbios da Marinha do Brasil.

RACHEL DE QUEIROZ, *NOTRE SOEUR*³!

A deferência que lhe conferimos ao bati-zarmos a Base de Fuzileiros Navais no Haiti⁴ e a enseada do Lago Paranoá, em Brasília, com seu belo e expressivo nome jamais poderá ser entendida como pagamento de uma dívida.

A singela e sincera homenagem que ora lhe rendemos não constitui uma simples formalidade protocolar ou mera cortesia, mas um sincero e merecido tributo pelo que sempre lhe deveremos, ante as comoventes expressões de apreço e estima com que sempre nos distinguiu. Rememorar o fértil caminhar de tão ilustre pessoa tornou-se

¹ Minerva: deusa da sabedoria na mitologia grega. Era, também, uma divindade guerreira, porém só protegia a guerra defensiva.

² Mecenas: estadista romano, 60 a.C. – 8 d.C., protetor dos artistas, homens das letras, ciências, artes e sábios.

³ *Notre soeur!* Nossa irmã! – expressão adaptada daquela habitualmente utilizada por José Olympio em cartas a Rachel de Queiroz.

⁴ A denominação da Base foi por iniciativa dos próprios integrantes do primeiro contingente, que teve como premissa algo ou alguém que fosse bem brasileiro e ligado ao Corpo de Fuzileiros Navais. Ela foi considerada instalada em 20/6/2004, ocasião em que houve formatura interna e leitura de mensagem alusiva ao evento.

uma verdadeira obstinação para nós, acompanhada de incomensurável satisfação, por tudo que ainda representa para o Brasil e aos fuzileiros navais em particular.

Quem negará nunca ter sentido uma ponta de inveja do comandante-geral, ao vê-la descer, ao lado dele, lenta e graciosamente, as escadarias do nosso Quartel-General, quando de suas habituais visitas, por não poder estar desfrutando de tão agradável e admirável companhia?

Disse ela, certa vez: “É a tropa mais conhecida, a mais celebrada do País. Não há guerra sem fuzileiro – mas sem fuzileiro não há festa também. Pode-se imaginar uma parada de 7 de setembro sem o desfile dos navais e, acima de tudo, sem a música da banda dos fuzileiros, que é a mais famosa de todas as bandas militares?”

É difícil esquecer o quanto vibrava, tomada de forte emoção, ouvindo o inesquecível toque sinfônico e as apresentações da nossa Marcial, trazendo à testa o mor, o baliza e o *schellenbaum*⁵, em impecáveis evoluções e coreografias com inigualável marcialidade, ao som inebriante de vasto repertório, extraído de reluzentes instrumentos musicais.

Assim como dizia ser impossível realizar eventos festivos sem a marcante presença dos rapazes do Batalhão Naval, da mesma forma, para nós, nenhuma comemoração estará completa se não evocarmos sua bela e doce imagem.

Seriam necessárias muitas páginas para registrarmos tudo que gostaríamos de expressar em sua memória. Por tanto cari-

nho que nos dispensou, não haveria palavras para descrever as alegrias e o privilégio de termos contado com sua marcante e singular presença. Resta-nos, pois, rogar a Deus que lhe conceda, onde estiver, a glória de usufruir da diuturna oração de seus afetuosos afilhados e amigos fuzileiros navais, e que com ela se regozije seu elevado espírito.

Creia-nos: sua vida e sua obra ficarão indelevelmente guardadas em nossas memórias, seus exemplos serão sempre seguidos, e sua voz ecoará em todos os recantos onde houver um marinheiro do gorro de fita, em particular na fortaleza de São José da Ilha das Cobras, que você tanto amou.

Inspirados em nossos lemas – *Per mare, per terram, per astra – Adsumus*⁶ –, aqui estamos, dando graças ao vigor de sua cultura e à sua dignificante existência, lembrando as gloriosas e agradáveis horas em que estivemos juntos. Afinal, aos imortais, como você, mais que venerar, cumpre-nos imitar.

A tudo o que foi dito, acrescente-se nosso respeito e, com ele, aquilo que incessantemente sonhamos em lhe dizer um dia: muito obrigados pelo que nos proporcionou e ainda propicia, ao emanar seus purísimos fluidos, inspirando-nos e fortalecendo nossas ações.

Permita Deus que, prazerosamente, nos reencontremos um dia, crentes que somos no real significado da reflexão e da poesia, esta escrita especialmente em seu louvor, que ora deixamos consignadas:

⁵ Também conhecido como árvore de sinos. Peça metálica, proveniente do Oriente Próximo; instrumento de percussão, posteriormente transformado em símbolo representativo de bandas e regimentos. Oriente Próximo – expressão às vezes empregada para designar a região que compreende a Ásia não-soviética, desde o Mar Mediterrâneo até a fronteira leste do Irã, e mais uma parte do nordeste da África.

⁶ Expressões que, em latim, significam pelo mar, pela terra, pelo ar e aqui estamos, simbolizando que os fuzileiros navais cumprem prontamente suas missões, valendo-se de qualquer desses ambientes operacionais e no momento aprazado.

“Não fique triste nas despedidas.
Uma despedida é necessária antes
de vocês poderem se encontrar outra vez.
E se encontrar de novo depois de
momentos ou de vidas é certo para
os que são amigos.”

(Richard Bach)

Consagrada Imortal, Madrinha do CFN

“A falange celebrada na história
Se perfila à madrinha sem igual,
Escritora consagrada e de glórias,
Desta Pátria, Acadêmica Imortal.

Nos eternos verdes mares cearenses,
Fortaleza lhe adorou com muita estima,
Dos Queiroz, dos Alencar és procedente,
Das famílias ancestrais dos Alves Lima.

Aos seis anos, muito cedo viajou
Rumo ao Rio das belezas redentoras,
Ao Nordeste e ao Norte regressou
Pra viver a sua luta de escritora.

Bem mais tarde, empurrada pelos ventos,
Pelas terras cariocas se fixou
Nessa hora, Três Marias narra os tempos,
Da infância nordestina que levou.

És da Casa de Machado de Assis,
Pioneira feminina adorada,
Nas estirpes literárias dos Brasis.
Deusa eterna e confeitira venerada.

Tantas vezes seus escritos dedicou,
Aos soldados desta tropa mui amada,
Com denodo e afeição se encantou,
À epopéia das batalhas pugnadas.

Nas paradas magistras dos fuzileiros,
Sua farda avermelhada admirava,
Com seu traje marcial e altaneiro,
O naval gorro escocês a encantava.

Orgulhosos dessa amiga e defensora,
Os seus feitos cultivamos na memória,
Em Rachel, a ardorosa inspiradora
Adsumus, sempre avante à vitória.

Nesses versos de Rachel, tão reverentes,
Celebremos suas letras idolatradas,
Efemérides desses bravos combatentes
Louvam em odes a Marinha adorada.

Agraciados, dedicada escritora,
És farol no céu de estrelas cintilantes
Brilha a luz da tua saga inspiradora,
Sentinela, companheira e vigilante.”

(Suboficial (FN-MU-RM1) Sebastião da **Cruz**)

Outra frase inesquecível da escritora sobre os Fuzileiros: “Mas para que entrar em discriminações? Quem quiser saber a história dos fuzileiros navais, não precisa consultar nenhum livro especial. Basta ler a História do Brasil”.

*Ad Immortalitatem.*⁷

⁷ Para a imortalidade – lema da Academia Brasileira de Letras.

N.A.: Colaboraram com este artigo, com preciosas opiniões e apropriados reparos, as seguintes pessoas: os fuzileiros navais Nelson Américo Leite, Sérgio Murilo de Castro Victorazzo, Gil Cordeiro Dias Ferreira, Valnir José Pires, José Pedro Mathias Brito, Washington Luiz Alvarenga e todos os integrantes do Museu do CFN; Hever da Silva Nogueira, da Polícia Militar do Rio de Janeiro, e Roberto Ferreira Cruz, do Exército Brasileiro; os professores Antonio Luiz Porto e Albuquerque, Gilberto Ferreira Bartholo, Marlene Liberbaum e Rosane Miranda da Silva; e o jornalista Renato Rosário Carvalho.